

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

284

INSCRIÇÕES 936-937



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2025

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação | CEAACP

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL



FRAGMENTOS DE ARA FUNERÁRIA
NO SOUTO DA CASA, FUNDÃO
(*Lancienses Oppidani, conuentus Emeritensis, Lusitania*)

Foi em 28 de janeiro de 2024, que no contexto de uma visita efetuada à igreja matriz do Souto da Casa, se identificaram dois fragmentos de uma ara de granito de época romana, reaproveitados como material de construção na parte superior das ombreiras da porta de ligação da sacristia ao templo¹. O fragmento integrado na ombreira direita corresponde à parte superior da ara e encontra-se visível a face epigrafada. O que se encontra na face esquerda, de maiores dimensões, não apresenta visível a face que teria a continuação do texto inciso. O templo seiscentista, de sabor maneirista, localiza-se no centro da povoação, na rua Marquês de Pombal (coordenadas geográficas WGS84: 40° 07' 14.50'', 7° 32' 44.15''; altitude: 591 m).

Na impossibilidade imediata de se fazer um estudo cabal no momento de identificação da peça, esse trabalho foi realizado em julho de 2024, com autópsia, registo metrológico e registo fotográfico, tendo-se, para o efeito, regressado ao local².

¹ A visita ocorreu na sequência das Jornadas Arqueológicas do Fundão, realizadas em 27 de janeiro, integrando os signatários e a arquiteta Carla Cruz.

² Cumpre-nos agradecer penhoradamente a disponibilidade do Sr. Padre André Roque, da Sra. D. Maria das Dores Ladeira, Presidente da Junta de Freguesia do Souto da Casa e ao Dr. António Lourenço Marques, para apoiarem o nosso estudo.

Apesar de o seu contexto original nos ser desconhecido, é admissível a relação com algum dos arqueossítios de época romana do território adjacente ao aglomerado rural. Aliás, neste edifício religioso encontram-se em reaproveitamento mais duas outras epígrafes que, de algum modo, foram o mote da visita inicial.

Uma corresponde a um bloco arquitetónico moldurado com inscrição funerária encastrado no alçado lateral da sacristia da igreja, e que contém o epitáfio de *Iulia, L. f. Modesta* e de *Liuvia Nimphe*, com 18 e 40 anos respetivamente, mandado gravar por *L. Iulius Thymelicus* para a filha, para a esposa e também para si³.

A outra é uma peça de granito utilizada no aparelho da parede voltada para a nave onde se abriu o vão de acesso à sacristia do templo, empregue acima da padieira deste e, consequentemente, da inscrição que nos ocupa. Trata-se de bloco epigrafado com relevo escultórico na face esquerda e que terá sido parte integrante de um extraordinário monumento no contexto regional, possivelmente a fachada de uma fonte que se desconjuntou considerando um outro fragmento insculturado que poderá ter tido a mesma origem. Estoutro elemento moldurado em granito, que, decerto, faria também parte dessa estrutura monumental, possui esculpida, em alto relevo, uma outra concha. O texto do primeiro tem desenvolvimento em duas linhas separadas por um sulco vincado que reforça a expressão da mensagem epigrafada,

³ Pedro Salvado, “Um importante *cognomen* numa inscrição da aldeia do Souto da Casa (Fundão)”, *Trebaruna*, 2, 1986, p. 39-41; *HEp* 1, 1979, 673; José d’Encarnação, “Libertos no termo da Egitânia romana”, *Materiais*, II série, 0, 1996, 16 e Ana Paula R. Ferreira, *Epigrafia Funerária Romana da Beira Interior: Inovação ou continuidade?*, Lisboa, 2004, 70, n° 30. Atente-se, também, à leitura do monumento por José d’Encarnação em *Epigrafia: As pedras que falam*, Coimbra, 2010, 126-127. A peça é apresentada como placa em virtude do desconhecimento da sua espessura, mas as proporções e características morfológicas permitem a sua aproximação a outros suportes regionais classificáveis como blocos arquitetónicos, correntes neste território, bem como no da *ciuitas Igaediaorum*. Para esta *ciuitas*, ver Armando Redentor, José Cristóvão e Pedro C. Carvalho, “Apontamentos sobre a paisagem epigráfica da capital dos *Igaeditani*”, in Javier Andreu Pintado, Armando Redentor e Elena Alguacil Villanúa, eds, *Valete Vos Viatores: Travelling Through Latin Inscriptions Across the Roman Empire*, Coimbra, 2022, 259-306.

sendo essa cartela delimitada por moldura saliente⁴. A ser do período romano como o texto indicia, encontramos perante um raro exemplo, nesta região, da utilização de plástico em composições arquitetónicas⁵.

Ambas as peças têm sido associadas ao arqueossítio designado de Casal de Santa Maria/Senhora do Mosteiro, localizado já na vizinha freguesia de Telhado e à qual se associa uma outra epígrafe, concretamente um altar dedicado a Apolo por um *M. Auitius Fronto*, vindo-se considerando, inclusive, a identificação entre o *Auitus* associado à fonte e este dedicante, porém assente numa leitura inexata do gentílico⁶. É ao mesmo sítio que se tem associado uma outra inscrição funerária encontrada na povoação do Freixial, com posição intermédia entre aquele sítio e Souto da Casa, a servir de sopé ao cunhal de uma casa, desta feita atinente a um *Ephebus Auiti lib.*, antigo escravo plausivelmente de um peregrino⁷. A sua ligação ao arqueossítio do Casal de Santa Maria/Senhora do Mosteiro tem sido admitida, mais uma vez considerando a ligação com

⁴ Pedro Salvado, “A propósito de uma inscrição romana do Souto da Casa (concelho do Fundão): evergetismo e águas termais”, *Cadernos de Cultura: Medicina na Beira Interior da pré-história ao século XXI*, 19, 2005, 118-122, propõe a seguinte leitura: AVITVS T [...] [...] / FONTEM [...]. Na primeira linha, sob a barra do T vislumbra-se um S de dimensão mais reduzida, pelo que, considerando a possibilidade de o bloco estar completo, o T estará no final dessa linha, apenas com a metade esquerda da barra e com a haste precisamente encostada à moldura lateral direita, donde plausivelmente resultará que o texto completo corresponda ao seguinte: *Auitus st(atuit) / fontem*.

⁵ A preservação destes elementos arquitetónicos deveu-se à atenção de António Genro da Silva, pároco do Souto da Casa entre 1958 e 1993.

⁶ Fernando Patrício Curado, “Uma ara romana dedicada a Apolo no Casal de Santa Maria (Freixial, Fundão)”, *Eburobriga*, 1, 2004, 22-24, propondo a seguinte leitura: *Apoll(I)ini / M(arcus)? Auitus Fr(onto) / u(otum) l(ibens) s(oluit)*. O gentílico do dedicante é, todavia, *Auitius*, sendo evidente o nexo TI através do prolongamento da haste acima da barra. É também possível dar por seguro o *praenomen*.

⁷ *Ephebo Auiti lib(erto) / Caesia lib(erta) fec(it) / ex test(amento) s(it) t(ibi) t(erra) l(euis)*. Cf. João Luís Inês Vaz, “Inscrições romanas do Museu do Fundão”, *Conimbriga*, 16, 1977, 17, n.º IX; *AE* 1977, 360; Ana Paula R. Ferreira, *ob. cit.*, 2004, 71-72, n.º 32. Inscrição datável do século II.

o dedicante a Apolo e também por esse local já ter pertencido à freguesia de Souto da Casa⁸.

Não se afigura sustentável a ideia de se estar em presença da mesma pessoa neste conjunto epigráfico, até por razões cronológicas. Porém, não se enjeita a possibilidade de todas as pessoas procederem do arqueossítio referido, que, atendendo à sua localização serrana menos adequada à instalação de uma *uilla* e a esta profusão epigráfica, bem poderá configurar um *uicus*⁹. Para além dos argumentos estritamente arqueológicos, a epigrafia, assumindo a relação com esse contexto, também pode apontar nesse sentido, não só pela documentação de, pelo menos, duas famílias diferentes, mas também por a fonte aparentemente configurar mais um equipamento público do que privado, interpretando a inscrição como ato munificente por parte de um indivíduo de estatuto peregrino¹⁰, não sendo de rejeitar liminarmente uma eventual identificação com o patrono de *Ephebus*, embora não asseverável.

Quanto aos fragmentos de ara que nos ocupam, do mais pequeno e visivelmente epigrafado ([15]x[26]x22cm) resta o coroamento praticamente completo e o início do fuste ([6]x[26]x19 cm), cuja face anterior serviu de campo epigráfico. A parcela conservada deste é diminuta ([6]x[26] cm), tendo permitido apenas preservar a primeira linha da inscrição, ainda que bastante afetada. Do coroamento ([9]x[26]x22 cm) apenas são visíveis uma faixa direta e um bocel reverso com degradação acentuada, também apreciáveis nas faces anterior e esquerda. O toro apresenta, inclusive, danos profundos na metade esquerda da face anterior. A oposta e o topo estão presentemente ocultos

⁸ Joaquim Candeias da Silva, *O Concelho do Fundão através das Memórias Paroquiais de 1758*, Fundão, 1993, 192 e Fernando Patrício Curado, *ob. cit.*, 2004, 23.

⁹ É a interpretação preferencial de Pedro C. Carvalho, *Cova da Beira: ocupação e exploração do território na época romana*, Fundão-Coimbra, 239-240, n.º 236 e 368-369, à qual associa, ainda, a possibilidade de ter funcionado como estação viária, embora não rejeite a hipótese de o sítio também poder corresponder a uma herdade de exploração agrícola, interpretação que avalia como menos plausível.

¹⁰ Pedro Salvado, *ob. cit.* 2005.

com argamassa de areia e cimento, imaginando-se que o cimácio tenha sido toscamente aplanado para assentamento da padieira do vão. A parte inferior foi claramente cortada a ponteiro.

No topo da ombreira oposta conserva-se o que parece ser a base invertida deste altar (30,5x23), distinguindo-se a base simples associada a um bocel e uma faixa reversa (16.5x23). No fuste (14x20) não é possível observar a face epigrafada.

Assim, do epitáfio resta apenas o seu início:

D(is) M(anibus) VO/[--

Altura das letras (cm): l. 1: 4.

Margem superior (cm): 0,5; margem inferior (cm): - ;
margem esquerda (cm): 1,5; margem direita (cm): -.

A superfície epigráfica conservada é diminuta e o texto aparenta seguir alinhamento à esquerda. As letras conservadas apresentam desgaste erosivo considerável que dificulta a sua apreensão e talvez por isso tenham ficado, no reaproveitamento atual, viradas para o interior da igreja, uma vez que são dificilmente destrincháveis. A inscrição que está mais acima, com referência à edificação de uma fonte, à qual antes aludimos, encontrava-se oculta pelo reboco, não repostado aquando de obras realizadas nos anos 80.

A patine da superfície epigrafada é claramente distinta da aresta do corte inferior. As letras capitais comuns de tendência alongada apresentam alguma regularidade em termos de altura e uma gravação estreita que é apreciável nas mais bem conservadas, designadamente no D e no V.

O D apresenta pança pouco desenvolvida e o M, de hastes extremas verticais, destaca-se pela sua maior largura, sendo que o encontro das hastes oblíquas internas se faz a meia altura. O V é estreito e o O tendencialmente ovalado.

O texto conservado corresponde ao começo de um epitáfio, com a particularidade de abrir com a dedicatória aos deuses Manes partilhando a primeira linha com o início do nome do defunto ou defunta, do qual apenas se vislumbram duas letras. Estas não permitem apontar uma proposta segura para a sua restituição,

mas nomes latinos como *Voconus*, *Voconis* ou *Voconius* são possibilidades, estando os primeiros documentados no vizinho território dos *Igaeditani*, nomeadamente em Lardosa¹¹, em ambiente de peregrinos. Não obstante, outros nomes, inclusive variantes daqueles, podem ajustar-se a esta sílaba inicial¹².

O altar enquanto suporte funerário não se encontra muito representado nestes territórios do interior-norte lusitano, podendo isso avaliar-se mais rigorosamente pelo caso concreto da *ciuitas Igaeditanorum*¹³.

Este suporte epigrafado não será anterior ao século II d.C., considerando o seu tipo, a estrutura do epitáfio com a dedicatória aos Manes e a paleografia.

ARMANDO REDENTOR*

PEDRO MIGUEL SALVADO**

JOANA BIZARRO***

FILOMENA BARATA****

¹¹ *AE*, 1934, 20.

¹² Cf. Juan Manuel Abascal Palazón, *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*, Madrid-Murcia, 1994.

¹³ Armando Redentor, José Cristóvão e Pedro C. Carvalho, *ob. cit.* 2022, 286-299.

* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Interdisciplinares da Universidade de Coimbra – CEIS20. <https://orcid.org/0000-0002-6459-3285>.

** Museu Arqueológico Municipal José Monteiro, Fundão.

*** Museu Arqueológico Municipal José Monteiro, Fundão.

**** Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa – CEC e Centro de investigação em História e Ciências Sociais da Universidade de Évora–CIDEHUS.



FIG. 1 – Posicionamento dos fragmentos de ara funerária no interior da igreja matriz, integrados no vão de acesso à sacristia, e dos blocos com relevos escultóricos (epigrafado o da direita, com alusão a fonte), acima da padieira. © A. Redentor



FIG. 2 – Vista frontal do fragmento da parte superior da ara funerária. © A. Redentor



FIG. 3 – Faces lateral esquerda e frontal do fragmento da parte superior da ara funerária.
© A. Redentor



FIG. 4 – Vista de ambos os fragmentos da ara funerária. © A. Redentor

PRECISIONES A LA LECTURA DE
UNA *TABULA* GADITANA
(*Conventus Emeritensis, Lusitania*)

En el Museo de Cádiz se conserva una placa de mármol (inv. n. 4658+4665) rota en todo su contorno y a su vez partida en dos fragmentos que encajan. En la cara posterior la superficie está pulida.

Mide (15,5) cm de alto, (9,5) de ancho y tiene un grosor de 1,2 cm. Las letras, de no muy buena calidad, son capitales con alguna actuaria, como la M. Tienen una altura de 2,5 cm (l. 2), 2,5/2,7 cm (l. 3), 2,2 cm (l. 4) y 1,7 cm (l. 5). El signo de interpunción tiene forma de triángulo.

Fue hallada, junto a otras placas, en las excavaciones de 1927 realizadas por P. Quintero Atauri en un recinto funerario en la Playa de los Corrales¹, que la dio a conocer en 1928². E. Romero de Torres incluyó el texto de Quintero en el Catálogo Monumental de la provincia de Cádiz³. Tres años antes

¹ N. Vicent Ramírez, “Redescubriendo las intervenciones de Pelayo Quintero en Cádiz en un análisis del contexto epigráfico”, en: *Inscripciones inéditas de Gades en el Museo de Cádiz*, H. Gimeno Pascual (ed.), Huelva 2021, 228-229 y 238 nº 22.

² P. Quintero Atauri, *Excavaciones en Extramuros de Cádiz: Memoria de las excavaciones practicadas en 1927* (Memorias de la Junta Superior de Excavaciones Arqueológicas 95), Madrid 1928, 13

³ *Catálogo Monumental de España. Provincia de Cádiz (1908-1909)*, Madrid 1934, 166.

L. Wickert (*sched.* 1931) en su viaje epigráfico a la Península Ibérica, con motivo de la recopilación de materiales para un nuevo *Supplementum* a CIL II⁴, visitó Cádiz y ya la describió en el Museo. La *scheda* elaborada por él se conserva entre sus materiales en el archivo del *Corpus Inscriptionum Latinarum* de la Academia de Berlín-Brandeburgo⁵.

Sin embargo, cuando a finales de la década de los 70 y principios de los 80 del siglo pasado J. González Fernández recolectaba los materiales para su corpus de la provincia de Cádiz no la encontró en el museo y, como consecuencia, la publicó como desaparecida⁶. Fue M. D. López de la Orden⁷ quien la recuperó de nuevo entre los fondos de dicha institución⁸.

En el año 2019 hemos comprobado la lectura y verificado que lo que se conserva del texto es lo siguiente:

E+
N ? XXX
ET ? OMN
VIS ? H
5 T ? T ? L

En línea 1, la cruz representa una línea recta incompleta en su parte superior. P. Quintero editó AEM en esta línea. L. Wickert – que conocía la lectura de Quintero – en su *scheda* (fig. 2) dibujó

⁴ Sobre Wickert y el suplemento a CIL II véase P. Rothenhöfer, “Siguiendo los pasos de Emil Hübner: Lothar Wickert y su trabajo para un *Supplementum Hispaniense* del *Corpus Inscriptionum Latinarum* II”, en: *Historia del Instituto Arqueológico Alemán de Madrid. Geschichte der Madrider Abteilung des Deutschen Archäologischen Instituts. Faszikel 4: Emil Hübner und die Altertumswissenschaften in Hispanien* (Akten des Kolloquiums, Madrid 19-20. Nov. 2008), 2014.

⁵ Agradezco a la PD D. Ulrike Ehmg las facilidades para la publicación del dibujo y su indicación de la signatura “Schede von Wickert (*Corpus Inscriptionum Latinarum*, CC BY 3.0 de)”.

⁶ *Inscripciones Romanas de la Provincia de Cádiz*, Cádiz, 1982, 200 n. 376.

⁷ M. D. López de la Orden, y A. Ruiz Castellanos, *Nuevas inscripciones latinas del Museo de Cádiz*, Cádiz, 1995, 110 n. 282.

⁸ Fue referenciada en *Hispania Epigraphica* 6, 1996, 526.

la A con un remate inferior horizontal que se prolongaba hasta situarse a la altura del trazo intermedio de la E y ello le indujo a sospechar un probable nexo AE totalmente hipotético. D. López de la Orden y A. Ruiz Castellanos consideran también que hay un trazo delante de la E, pero no lo describen. Wickert para reforzar su lectura “AEM” se valió de la letra siguiente a la E, de la que solo se observa un trazo vertical que él interpretó como M y anotó “*1 in. AE wohl am wahrsch; also Aem*”. Tampoco, de esta supuesta M queda ningún rastro por lo que no es posible definir a qué letra pudo pertenecer ese trazo vertical incompleto en la parte superior que igualmente podría ser de una N o incluso de cualquier otra letra.

En línea 2, de la segunda N de *ann(orum)* solo queda un vestigio mínimo del remate superior del segundo trazo vertical que también señala Wickert en su dibujo, pero no hay ningún vestigio del trazo recto.

En línea 3, Quintero editó TOM. El primero en percatarse del punto situado entre la T y la O también fue Wickert como se observa en su *scheda*, en la que anotó correctamente *in omn[---]* y delante de la T dibujo los extremos de los tres trazos horizontales de una E a los que acompañó de la siguiente anotación “*3 in. Reste von E nicht ganz sicher; t in omn[---]*”. Es cierto que estos vestigios de la E hoy apenas se perciben. Por último, al comienzo de la l. 4 el alemán restituyó [*pius in*] *suis h[s.e]*.

Las letras de l. 1 deben corresponder a la denominación del personaje que conmemoraba la inscripción y, en función de la estructura onomástica que le hubiera definido, el antropónimo de esta línea correspondería a su *cognomen* o a su nombre único. En l. 2 detrás de la edad se situaría un término afectivo, un epíteto referido a la cualidad del personaje fallecido como *carus/a* -preferiblemente a *pius/a* -por ser el primero típico de la epigrafía funeraria de *Gades*⁹ - al que seguiría probablemente la alusión a la persona que ejecuta la inscripción, quizá la esposa o el esposo.

⁹ Sobre ambas fórmulas véase S. Tantimonaco, “La fórmula epigráfica *pius in suis*”, *Anuari de Filologia. Antiqua et Mediaevalia*, 8, 2018, 839-858 y más recientemente F. Blanco Robles, “Las fórmulas epigráficas *pius (in) suis et carus (in) suis* ¿indicadores de dependencia personal?”, *Espacio, Tiempo y Forma serie II. Historia Antigua* 34, 2021.

Menos corriente es que el epíteto se haga extensivo más allá de la familia nuclear mediante la expresión *onmibus suis*, y, aunque no faltan ejemplos como el de una inscripción de *Colonia Patricia* (CIL II2/7, 493) en la que se especifica que la difunta fue *pia in viro et in suis*¹⁰, apenas se encuentran ejemplos en *Hispania*.

De este modo, nuestra propuesta de restitución del texto sería la siguiente:

-----?
 [- - -]E+[- - -]
 [an]n(orum) ? XXX [car-/pi- in - - -]
 et ? om[n]ibus]
 [s]uis ? h(ic) [s(it-) e(st)]
 5 [s(it)] t(ibi) ? t(erra) ? l(evis)

Si bien por el formulario la inscripción se fecharía a partir de época julio-claudia, el tipo de letra nos sitúa en el siglo II avanzado.

H. GIMENO PASCUAL*

¹⁰ Tantimonaco *cit.*, 846.

*Centro CIL II (UAH)



FIG. 1 – Foto: R. de Balbín Bueno

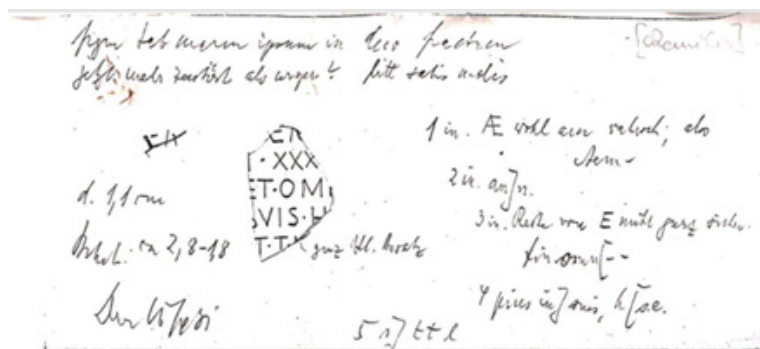


FIG. 2 – Scheda de Wickert